

NOSSAS ESCOLHAS, NOSSA VOZ, NOSSA VIDA



Instituto C&A

Save the Children

instituto fonte
para o desenvolvimento social

Copyright © Projeto Fortalecendo a Resiliência –
Parceria Instituto C&A e Save the Children

Primeira edição: 2017

Nossas Escolhas, Nossa Voz, Nossa Vez –
Guia metodológico do Projeto Fortalecendo a
Resiliência aos Desastres na Região Serrana do
Rio de Janeiro – Petrópolis/RJ

Conteúdo (redação e entrevistas): Thaís Ferreira

Revisão: Sebastião L.S. Guerra, Roberta Dutra,
Rodrigo D'Almeida

Fotografias: Evaldo Macedo e equipe de campo

Projeto Gráfico: Di-Vida Design

Impressão: Gráfica Jornal da Cidade

A responsabilidade pelas opiniões expressadas
nos depoimentos cabe exclusivamente aos seus
autores.

Equipe de implantação do Projeto Fortalecendo a
Resiliência.

Coordenação Geral: Sebastião L.S. Guerra

Coordenação de Campo: Roberta Dutra
Rodrigo D'Almeida

Equipe de Monitoramento: Juan Salazár (campo)
Martins Rillo Otero e Pilar Cunha (Instituto Fonte)

Comunicação: Thaís Ferreira (campo)
Carolina Freitas (estagiária campo)
Lilian Romão (Instituto Fonte)

Parceiros: Instituto C&A
Save the Children

Instituto Fonte para o Desenvolvimento Social
Prefeitura Municipal de Petrópolis –
Secretarias Municipais de Defesa Civil e
Ações Voluntária e de Educação
Escola Estadual de Defesa Civil – ESDEC



ÍNDICE

(01) APRESENTAÇÃO ----- 03

(02) PARCEIROS ----- 05

(03) A ESCOLHA DOS TERRÍRIOS ----- 09

(04) MOBILIZAÇÃO ----- 11

(05) ESTRUTURAÇÃO DOS GRUPOS E
DICAS METODOLÓGICAS ----- 15

(06) ELABORAÇÃO DO MAPA DE RISCOS ----- 21

(07) ELABORAÇÃO DO PLANO DE AÇÃO ----- 25

(08) MICROPROJETOS ----- 31

(09) SIMULADOS ----- 37

(10) CONCLUSÃO E APRENDIZADOS ----- 40



NOSSAS ESCOLHAS, NOSSA VOZ, NOSSA VEZ

É uma publicação cujo objetivo é sistematizar a experiência metodológica do Projeto Fortalecendo a Resiliência aos Desastres na Região Serrana do Rio de Janeiro. Desse modo, este trabalho foi concebido com a intenção de guiar, servir de referência para líderes e moradores de comunidades, equipes escolares, gestores públicos, profissionais, estudiosos ou pessoas interessadas na Gestão de Risco de Desastres (GRD), apoiando iniciativas existentes e inspirando novas propostas e ações que empoderem e ampliem as capacidades de grupos comunitários e escolares para o autocuidado, a prevenção e o fortalecimento da resiliência.

Com linguagem clara e objetiva, o presente Guia tem uma estrutura narrativa inovadora e plural, que contempla tanto o ponto de vista das equipes que desenharam e implementaram o Fortalecendo a Resiliência como das pessoas que dele participaram, por meio de depoimentos que revelam as aprendizagens do Projeto.

Cada capítulo traz um breve e livre relato metodológico de uma etapa do processo. Este conteúdo foi organizado destacando as experiências nas escolas e nas comunidades, incluindo dicas e boas práticas. A ele, se correlacionam depoimentos que ilustram e aclaram estas etapas, dando voz e vez àqueles que vivenciaram as experiências promovidas pelo Projeto.



“Este projeto acabou nos unindo, uniu a escola, a comunidade e o posto de saúde. Pra gente foi um ganho, porque estamos há muitos anos trabalhando na comunidade e encontramos muitos problemas que tentamos resolver e não conseguimos. Isso vai nos desestimulando. No começo, ficamos meio ressabiadas com estas reuniões, mas elas foram acontecendo e os adolescentes foram aparecendo, com uma empolgação que nos contagiou. Eu senti que não podemos nos entregar ao desânimo, temos que seguir, tentar mudar. Normalmente, as pessoas conhecem a 24 de Maio pela página policial. Infelizmente. Aqui, a gente acaba perdendo muitos jovens. Então, quando a gente os vê querendo mudar, fazer a diferença, não podemos ficar de braços cruzados. Às vezes eles precisam de informação, de caminhos e isso está acontecendo aqui, entre o Nudec e o Comitê Escolar.

Eu acho que outras comunidades que têm áreas de risco deveriam ter um trabalho como o que temos feito, porque se acontecer um desastre, as pessoas vão estar mais preparadas. E não é só isso, com a união, se consegue atuar em outros problemas da comunidade. Eu acredito que nossa experiência certamente será um estímulo para outras comunidades que não tem um Nudec, e também para escolas e agentes de saúde que queiram transformar e ajudar na prevenção comunitária”.



MILENA DA COSTA SANTOS
Agente de saúde, moradora e membro do NUDEC da 24 de Maio



➔ O QUE É O PROJETO FORTALECENDO A RESILIÊNCIA?

Fortalecendo a Resiliência aos Desastres na Região Serrana do Rio de Janeiro é um projeto iniciado em outubro de 2016, no município de Petrópolis-RJ, que visa estimular redes comunitárias de gestão de risco de desastres, com capacitação e integração entre comunidades escolares e Núcleos Comunitários de Defesa Civil - Nudecs, em dez territórios do município: Posse, Pedro do Rio, Araras, Estrada da Saudade, Bingen, Morin, Alto Independência, Itaipava/Vale do Cuiabá, Corrêas/Nogueira e Centro (24 de Maio).

O Projeto é realizado com o apoio do Instituto C&A, coordenado pela ONG internacional Save the Children, implementado, no Brasil, pelo Instituto Fonte, tendo como parceiros estratégicos a Prefeitura Municipal de Petrópolis, através das Secretarias de Defesa Civil e Ações Voluntárias e de Educação, e a Escola de Defesa Civil do Estado do Rio de Janeiro - ESDEC.

Fortalecendo a Resiliência faz parte também de uma pesquisa mundial que engloba cinco países: China, Índia, Bangladesh, México e Brasil, sendo que no Brasil, o projeto ocorre apenas em Petrópolis.

A experiência brasileira traz algumas inovações, entre elas a atuação de uma equipe de monitoramento e avaliação em apoio às atividades de campo, que acompanha o desenvolvimento do Projeto, dando a oportunidade de ajustes e medidas corretivas imediatas para o alcance dos objetivos. Outro ponto de destaque é a promoção da integração entre Nudecs e escolas no território.



GISELE GORGES SÁ VARANDA Diretora
da Escola Municipalizada Santa Teresinha - Vila Rica

“O projeto ensina não apenas como agir na emergência, mas a olhar a escola, a pensar alternativas diante das vulnerabilidades, a organizar os processos para reduzir riscos, a formar lideranças. Trabalhar com redução de risco de desastres no ambiente escolar é uma oportunidade para os alunos, para todo o corpo escolar e para a comunidade, principalmente as escolas que estão mais distantes da sede do município, que costumam receber menos suporte. Ter um guia que possa sistematizar tudo isso é muito bom, porque a gente pode ver o que deu certo e o que não deu, isso ajuda a apoiar outras escolas que queiram desenvolver trabalhos como esse e também nos dá mais maturidade para continuar. Mas, para multiplicar, além de ter o passo a passo, duas coisas são fundamentais: a direção da escola tem que querer e fazer os acordos internos para acontecer. E a escola precisa do apoio de um profissional capacitado no tema e comprometido para conduzir os trabalhos. Buscar o suporte da Defesa Civil municipal é um caminho, para a escola não andar sozinha”.

PARCEIROS

INSTITUTO C&A



Por meio de nosso programa global de Redução de Riscos de Desastres com a Save the Children, estamos fortalecendo comunidades onde a C&A atua para que estejam preparadas para lidar com possíveis crises no futuro.

No Brasil, estamos atuando na região serrana do Rio de Janeiro, que é marcada por constantes desastres socioambientais, desencadeados pelas chuvas. Junto com o Instituto Fonte, parceiro essencial para implementação do projeto, nosso objetivo foi envolver a comunidade escolar, a sociedade civil e o poder público da região em ações de formação e mobilização para a atuação em rede.

Acreditamos que as habilidades que as mulheres e as crianças estão aprendendo, e compartilhando com suas famílias e comunidades, reduzirão as perdas causadas por possíveis desastres socioambientais no futuro.

Com a sistematização desta experiência, queremos compartilhar nossos aprendizados para promover mudanças positivas e duradouras. Este guia apoiará a construção de comunidades resilientes, empoderadas para dar continuidade às estas ações, as multiplicando e escalonando para outros possíveis territórios, fortalecendo as comunidades para que elas possam prosperar.



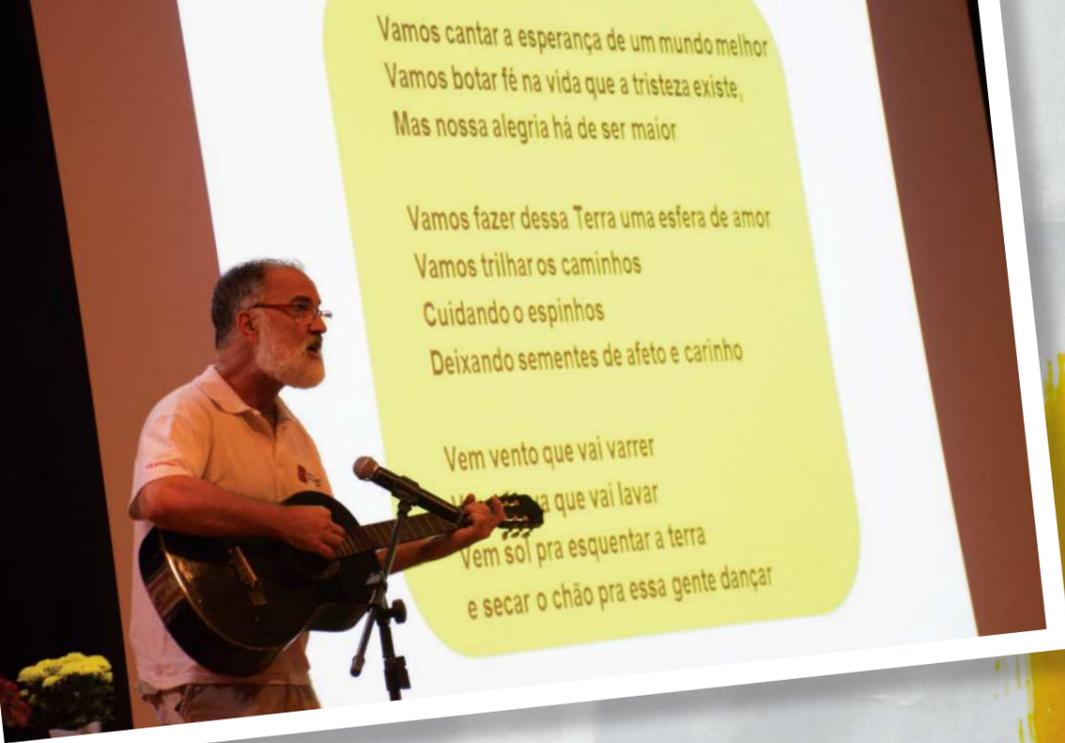
SAVE THE CHILDREN

Como a maior organização mundial independente que atua pelos direitos das crianças, desde 1919, a Save the Children trabalha em 120 países e acredita que cada criança merece um futuro. Em vários lugares do mundo, nós proporcionamos às crianças um início de vida saudável, a oportunidade de aprenderem e de serem protegidas contra danos. Fazemos o que for necessário para as crianças - todos os dias e em tempos de crise - transformando suas vidas e o futuro que compartilhamos. Ajudamo-las a atingirem seu potencial. Estamos fortalecendo sistemas comunitários e em escala nacional para proteção às crianças e trabalhamos com governos e agentes da sociedade civil. Nossa missão é inspirar inovações na forma como o mundo trata as crianças e trazer mudanças imediatas e duradouras para suas vidas.

A Save the Children tem o prazer de contribuir com a experiência do Projeto Fortalecendo a Resiliência aos Desastres na Região Serrana do Rio de Janeiro, implementado no município de Petrópolis, no período de outubro de 2016 a novembro de 2017, como parte de um aprendizado global para a redução de risco de desastres e resiliência em áreas urbanas. Além desta experiência brasileira, ações similares foram conduzidas também na China, Índia, Bangladesh e México.

Acreditamos que o Projeto Fortalecendo a Resiliência é uma experiência testada e bem sucedida que pode inspirar outras iniciativas para o fortalecimento comunitário e escolar com vistas à redução de risco de desastres. O presente Guia, portanto, é uma ferramenta para apoiar tais ações. Nas próximas páginas, estão organizadas as principais informações de cada etapa deste Projeto, enriquecidas com o ponto de vista daqueles que dele participaram diretamente.

Gostaríamos de agradecer profundamente a todos que participaram do Fortalecendo a Resiliência, tanto pela receptividade e possibilidade dele ser realizado como pelas oportunidades de aprendizagem que trouxe a todos nós.



Vamos cantar a esperança de um mundo melhor
Vamos botar fé na vida que a tristeza existe,
Mas nossa alegria há de ser maior

Vamos fazer dessa Terra uma esfera de amor
Vamos trilhar os caminhos
Cuidando o espinhos
Deixando sementes de afeto e carinho

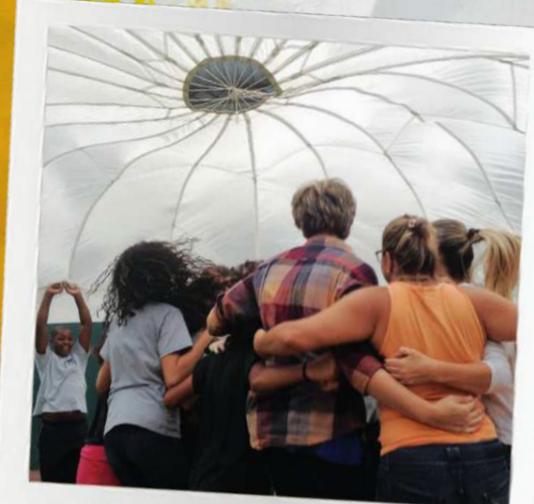
Vem vento que vai varrer
Vem chuva que vai lavar
Vem sol pra esquentar a terra
e secar o chão pra essa gente dançar

INSTITUTO FONTE

O Projeto Fortalecendo a Resiliência aos desastres na Região Serrana do Rio de Janeiro trilhou um caminho de muita descoberta para o Instituto Fonte. A atuação direta com a comunidade, promovendo mobilização e capacitações para escolas e lideranças locais, a construção de parcerias em âmbito nacional e internacional, o apoio a projetos locais, a efetivação de diálogos com o poder público e outras ações na área da prevenção a desastres socioclimáticos foram fonte de grandes aprendizados no campo do desenvolvimento social, que é o propósito de nossa trajetória como organização da sociedade civil.

Ele inaugura também um novo espaço de relação e prática compartilhada com parceiros importantes na trajetória do Instituto Fonte, como a Save The Children e o Instituto C&A.

Agradecemos a cada pessoa envolvida nesse projeto, com destaque para a comunidade de Petrópolis e para a excelente equipe técnica em campo, pois sabemos que aí está o verdadeiro lugar da mudança. Se conseguirmos construir práticas comunitárias de prevenção e segurança, com solidariedade, coletividade e participação social, estaremos mais uma vez renovando o sentido de nossa ação no mundo.



PREFEITURA DE PETRÓPOLIS

(Defesa Civil e Educação)

Petrópolis é uma cidade muito especial, tanto pela sua história, quanto por suas belezas naturais. Como toda cidade, temos também nossos desafios. Dentre eles está uma população mais preparada para responder a desastres socioambientais, já que temos uma topografia acidentada e, por isso, diversas encostas ocupadas, além de um regime de chuvas fortes, principalmente no período de verão.

Em reconhecimento aos esforços que a Prefeitura vem realizando para prevenção e redução de risco de desastres, gozamos do título de Cidade Resiliente, concedido pelas Nações Unidas e também aderimos à campanha mundial “Construindo Cidades Resilientes” do Escritório das ONU para Redução de Risco de Desastres (UNISDR). Temos uma Secretaria Municipal de Defesa Civil e Ações Voluntárias forte e atuante, alinhada às diretrizes e protocolos mundiais, como a Plataforma Global para a Redução do Risco de Desastres – Marco de Sendai, Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS), Conferência das Partes da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas – Acordo de Paris, Habitat III e a Cúpula Humanitária para a resiliência a desastres.

Temos também uma Secretaria Municipal de Educação atenta à educação para o risco, igualmente alinhada à recomendação da Iniciativa Global das Nações Unidas para Escolas Seguras.

Neste contexto, recebemos o Projeto Fortalecendo a Resiliência com muita satisfação, pois vem somar aos nossos esforços na gestão de risco de desastres no município. Ao longo do ano de 2017, pudemos perceber o quanto as comunidades e as dez escolas da Rede Municipal de Educação participantes do Projeto despertaram e amadureceram para a redução de risco de desastres, além de influenciarem toda comunidade em que estão inseridas.

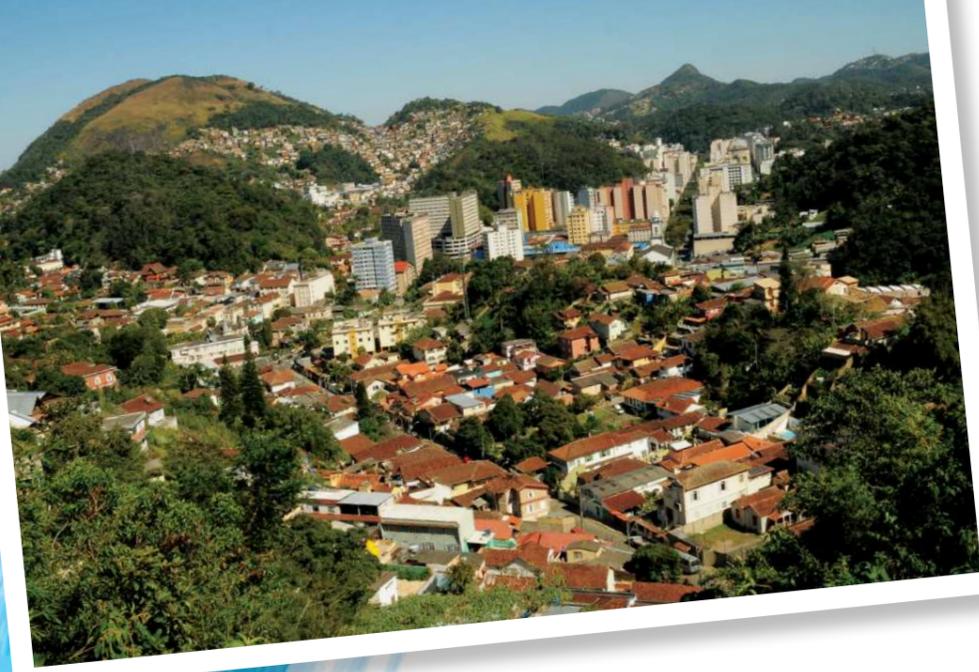
ESDEC

O “Projeto Fortalecendo a Resiliência” nos mostrou, por meio das soluções conjuntas, de indivíduos da comunidade escolar, poder público e outros agentes sociais, que é possível fortalecer a nossa capacidade de nos proteger e agir de forma integrada. Entre os destaques do projeto, resalto as informações e as instruções repassadas na aula de Gestão Participativa de Riscos de Desastres em Escolas e o Treinamento de Primeiros Socorros Psicológicos para cuidadores de Crianças.

O desenvolvimento de microprojetos e a formação de um Comitê de Segurança Escolar nas localidades escolhidas são algumas das principais realizações deste trabalho, que de certa forma, inicia um processo de transformações nas comunidades, fortalecendo o sentido de unidade e a responsabilidade compartilhada na Redução do Risco de Desastres.

A proposta apresentada pelo “Projeto Fortalecendo a Resiliência” nos auxiliará a estimular redes comunitárias de Redução do Risco de Desastres, com capacitação e integração entre Comunidades Escolar e Núcleos Comunitários de Defesa Civil (NUDECS).

Ten Cel. Marcio Romano Corrêa Custodio Diretor ESDEC



A ESCOLHA DOS TERRITÓRIOS

Petrópolis é um município localizado na Região Serrana do Estado do Rio de Janeiro, Brasil, com população de aproximadamente de 300 mil habitantes e ocupa uma área de um pouco mais de 795 km². Fundada em 1843, é também conhecida como “Cidade Imperial”, por ter surgido durante o período do Império brasileiro, resguardando relevante valor histórico. Além de ser a maior e mais populosa cidade da região, também detém os maiores Produto Interno Bruto – PIB e Índice de Desenvolvimento Humano – IDH.

Petrópolis está em posição geográfica de domínio de clima tropical, com altitudes elevadas, relevo montanhoso e topografia acidentada, condições que facilitam a ocorrência de chuvas abundantes e concentradas, principalmente no verão. Esta conjuntura, associada às encostas de alta declividade, com ocupação antrópica desordenada, e às características do solo que dão mais instabilidade às encostas, costumam provocar enchentes e deslizamentos frequentes.

A cidade tem sido, historicamente, cenário de diversos desastres socioambientais, com inúmeras perdas humanas e materiais ao longo do tempo. Assim, é evidente a primordialidade da população fortalecer sua resiliência e ampliar sua capacidade de preparação e prevenção com vistas à redução do risco de desastres.

Neste capítulo, vamos conhecer como se deu a escolha das zonas de intervenção do Fortalecendo a Resiliência no município de Petrópolis.



ROBERTA DUTRA Coordenadora de campo do Projeto, nas comunidades

“A seleção das comunidades para integrar o projeto foi feita com a Defesa Civil, uma vez que o projeto se relaciona diretamente com as comunidades e já havia um trabalho de formação de NUDECS iniciado no município. Manter essa aliança desde o início é fundamental para o desenvolvimento dos grupos e aproximação das equipes técnicas com os moradores, pois, quando o projeto termina, a Defesa Civil pode permanecer e os NUDECS precisam de apoio para continuar ativos. A presença da instituição Defesa Civil nas comunidades, de forma permanente, além de ser parte de sua missão, pode contribuir para ampliar a capacidade das comunidades e ter nelas um parceiro para salvar vidas”.

COMO FOI CONDUZIDA ESTA ETAPA?

A escolha dos territórios deu-se a partir de conversas entre a equipe do Projeto e as equipes das Secretarias Municipais de Defesa Civil e de Educação, levando em consideração os seguintes critérios (não necessariamente na ordem em que se apresentam):

- históricos dos desastres e suas complexidades: ocorrência e recorrência de desastres nos territórios avaliados ao longo do tempo, suas dimensões e consequências (perdas humanas com mais peso que perdas materiais);
- existência e classificação de áreas de risco: no território em análise há áreas de risco? Qual o grau dos riscos identificados?;
- contemplar todo o território municipal: no caso de Petrópolis, envolver áreas dos cinco distritos;
- levar em consideração as determinantes sociais e

econômicas do território: normalmente os territórios mais vulneráveis do ponto de vista socioeconômico, sem infraestrutura e com reduzido ou nenhum acesso a serviços públicos também são os que apresentam mais riscos de desastres;

- território dispor de escola da rede municipal de ensino que ofereça o Ensino Fundamental 2;
- existir, ou ter existido, ações governamentais e/ou comunitárias envolvendo redução de risco de desastres: como, por exemplo, o território ter um Nudec ativo - ou ter existido em passado recente; ou ter um grupo comunitário que se encontra ou já se encontrou para debater a gestão de risco; a escola do bairro ter sido parte do Programa Escola Resiliente (programa governamental que existia em algumas escolas de Petrópolis) ou já ter desenvolvido algum projeto ou iniciativa para prevenção.

“A articulação com o poder público foi fundamental não só para definirmos os territórios que iríamos trabalhar, as escolas que poderiam ter interesse e maior necessidade para receber o projeto, mas também construímos juntos, propondo e escutando, porque são parceiros fundamentais para o sucesso do projeto. Estar em escola pública requer estabelecer uma relação de mão-dupla com a comunidade escolar, com a gestão pública, do contrário, o projeto não se desenvolve e todos saem perdendo. Sabemos também que o nosso projeto tem início, meio e fim e, por isso, é fundamental trabalharmos junto com quem vai permanecer depois que não estivermos mais, empoderar os agentes locais, compartilhar conhecimentos e ferramentas, aprender com eles também e, sobretudo, contribuir com o fortalecimento do vínculo entre Defesa Civil e escolas”.



RODRIGO D'ALMEIDA Coordenador de campo do Projeto, nas escolas

MOBILIZAÇÃO

NAS ESCOLAS

Trabalhar por escolas mais seguras é uma recomendação e um compromisso assumido mundialmente pela Estratégia Internacional para Redução de Desastres (EIRD) do Escritório das Nações Unidas para a temática (UNISDR). Qualquer escola pode e deve implantar diretrizes e/ou métodos pedagógicos que trabalhem conceitos e práticas de redução de risco de desastres (RRD). Mas como envolver os estudantes e despertá-los para o tema? Neste capítulo, vamos conhecer exemplos de mobilização de crianças e jovens estudantes de escolas públicas da rede municipal de ensino do município de Petrópolis-RJ, na experiência do Projeto Fortalecendo a Resiliência.

COMO ESTA ETAPA FOI CONDUZIDA?

Com a definição prévia, realizada em parceria com a Secretaria Municipal de Educação, das dez escolas que participariam do Projeto, o coordenador das ações de campo nas escolas agendou com cada diretora e sua equipe uma apresentação, incluindo os objetivos, etapas, método, atividades a serem desenvolvidas, cronograma e resultados esperados. Tendo a escola confirmado o interesse em seguir, foi solicitado à equipe escolar que selecionasse 30 crianças e jovens entre 11 e 16 anos (segundo segmento do Ensino Fundamental), incluindo meninas e meninos, a partir de critérios que aquela instituição tivesse razões para definir. A delegação desta ação à escola tem relação direta com o fato da comunidade escolar conhecer os estudantes, mas também com o formato de aliança que se desejou estabelecer, tendo a escola como copartícipe do Projeto. Caso a escola solicite, alguns critérios para perfis podem ser sugeridos, como dinamismo, consciência, espírito gregário, jovens que tenham interesse por assuntos sociais, ambientais e comunitários, entre outros. Na experiência do Projeto, observa-se que estudantes que não tinham bom desempenho escolar melhoraram sua performance na escola ao participarem do Fortalecendo a Resiliência, principalmente em razão de haver muitas atividades práticas e que requeriam atitude, protagonismo e responsabilização.



DERMINDA DE SOUZA BARBOSA *Diretora Adjunta da Escola Municipal Luis Carlos Soares, no Morin.*



IRIS BENJAMIN *15 anos, estudante da Escola Municipal Amélia Antunes Rabello, em Madame Machado.*

“Quando eu li o bilhete da escola me convocando eu não queria participar de jeito nenhum. Perguntei à professora se eu era obrigada. Eu achei que não seria interessante, que iam ser só palestras, falação, que a gente não ia fazer nada para colocar em ação. Aí resolvi participar do primeiro encontro para ver como era, ver o que este projeto tinha para oferecer para os alunos. E gostei do primeiro e continuei vindo e a cada encontro fui achando mais legal, porque a gente aprende não só ouvindo, mas também fazendo, colocando em prática.”

“Não escolhemos os que têm melhor comportamento na escola, na sala de aula, melhor rendimento, porque aqui a gente considera o que cada um tem pra dar. Neste grupo selecionado, havia inclusive alunos considerados mais problemáticos, que não conseguiam permanecer em sala de aula. Os alunos foram pré selecionados, mas tinham o direito de não aceitar ou de sair, em qualquer momento do projeto”.

“Uma falha em nosso processo de seleção foi não ter conversado antes com os professores sobre o que era o projeto. No primeiro encontro, eles já questionaram: “por que estes alunos estão saindo de sala? Pra quê?” Aí que fomos falar que uma quarta-feira por mês eles não poderiam dar matéria nova nem prova, para não comprometer aqueles alunos que participavam do projeto. Então começaram os questionamentos do porquê daqueles alunos... Às vezes o aluno tem problema comportamental e não de aprendizagem, não se adapta ao modelo da sala de aula. Por outro lado, vale a pena criar condições de melhor desempenho escolar para que permaneçam no projeto, porque eles gostam, e isso pode ajudá-los a melhorarem na escola, de forma geral”.

“Não era um prêmio. Estavam ali porque tinham capacidade para seguir o projeto, para disseminar. O projeto traz uma proposta mais dinâmica do que a tradicional sala de aula. Parti de uma listagem, fiz uma pré-seleção e validei com a Derminda. Conversei com cada um, explicando o projeto e indicando que havia sido selecionado/a. Eles levaram uma autorização para casa para os pais terem ciência e assinarem, indiquei que se houvesse alguma dúvida para consultar a direção e assim fomos até formar o grupo. Dos 30 que chamamos, 29 toparam, apenas um questionou o porquê de ter sido escolhido: “mas por que eu? eu não sou nem tão inteligente assim!” Depois de uma boa conversa, ele topou seguir”.



VLADMIR CLAVERLY *Inspetor da Escola Municipal Luis Carlos Soares, no Morin.*



NAS COMUNIDADES

A Política Nacional de Defesa Civil – PNDC assegura a importância da formação dos Núcleos Comunitários de Defesa Civil – Nudecs, para o trabalho conjunto entre governo e comunidade. Os Nudecs são espaços participativos que reúnem, voluntariamente, pessoas locais interessadas na redução de risco de desastres em áreas de maior vulnerabilidade nos municípios, disseminando o princípio da prevenção, com orientação permanente junto à população. Podem ser formados num bairro, distrito, rua, condomínio, associação de moradores, edifício ou afim. Mas como mobilizar a comunidade para participar? A seguir, vamos conhecer exemplos de criação e/ou remobilização de Nudecs, na experiência do Projeto Fortalecendo a Resiliência, em Petrópolis-RJ.

COMO ESTA ETAPA FOI CONDUZIDA?

Após a identificação dos líderes comunitários dos dez territórios que receberiam o Projeto, a coordenadora das ações de campo nas comunidades agendou com cada líder uma apresentação, incluindo os objetivos, etapas, método, atividades a serem desenvolvidas, cronograma e resultados esperados. Confirmado o interesse em participar do Projeto, essas lideranças ajudaram a organizar um ou mais encontros comunitários de apresentação da proposta. Assim, foram-se constituindo ou sendo reativados os grupos, os Nudecs – alguns levaram mais tempo que outros e requereram estratégias específicas de mobilização dos moradores, utilizando-se dos meios de comunicação que a comunidade estava mais habituada, a partir da orientação das lideranças, como faixa, carro de som, boca a boca, folhetos entregues aos moradores, pequenos cartazes afixados no comércio local, “carona” em reuniões comunitárias, ou seja, aproveitar agendas existentes de encontros da comunidade para convidar para o Nudec, anúncios em rádios comunitárias, bilhetes para os pais, entre outros.



ZELIA MARIA S. JESUS Agente de Saúde, moradora e membro do Nudec do Themístocles – Estrada da Saudade.

“Nos primeiros encontros vieram poucas pessoas e nós até ficamos desanimados. Mas insistimos, mantínhamos os encontros, criamos um grupo de whatsapp para nos falar entre um encontro e outro, divulgamos na comunidade. Mas nunca deu vontade de desistir, porque a gente sabe como isso é importante, o quanto vai nos ajudar, toda a comunidade aprender sobre como se preparar. Porque a gente vai precisar disso, com certeza. E as palestras foram tão boas que as pessoas foram se interessando e foram vendo que era coisa séria. Aí o grupo foi aumentando, as pessoas foram vindo. O pessoal da comunidade foi conquistado”.



PAULO ROBERTO CORREA DE SOUZA morador e membro do Nudec do Themístocles – Estrada da Saudade.

“As pessoas são desconfiadas, elas querem ver primeiro a coisa acontecer, mas depois se achegam. Cada um que vem precisa trazer mais um. Esse “mais um” é o nosso sucesso. É a multiplicação. A gente quer multiplicar. Através daquele “um”, que vai falando pro outro... E temos convidado muitos jovens também e até crianças”.

ESTRUTURAÇÃO DOS GRUPOS E DICAS METODOLÓGICAS

A estruturação dos grupos é uma etapa fundamental, que deve estar bem consolidada para as outras que estão por vir. Às vezes se requer um pouco mais de tempo nela para que o grupo crie sua identidade e se fortaleça. É também o momento de pactuar valores, compromissos e acordos, que darão o norte ao longo dos trabalhos. A abordagem colaborativa, a comunicação e os recursos pedagógicos são determinantes para conectar as pessoas entre si e com as atividades, mantendo o sentimento de coletividade e pertencimento. Neste capítulo, vamos conhecer as características dos Comitês de Segurança Escolar e dos Núcleos Comunitários de Defesa Civil do Projeto Fortalecendo a Resiliência e algumas dicas metodológicas de como trabalhar com estes grupos.

NAS ESCOLAS

No ambiente escolar, o Projeto foi desenvolvido com jovens estudantes, funcionários, professores e familiares dos alunos. Esta composição plural constituiu o Comitê de Segurança Escolar, tendo uma média de 25 estudantes, entre meninas e meninos, de 11 a 16 anos, frequentadores do 2o. segmento do ensino fundamental das escolas da rede pública municipal de ensino de Petrópolis, além de, idealmente, 2 funcionários, 2 familiares e 2 professores. Um dos professores atuava como ponto focal, fazendo a intermediação entre a equipe do Projeto e o Comitê, organizando o fluxo de comunicação, de informação, os encontros e conduzindo atividades entre cada reunião. Caso houvesse alguma desistência, a qualquer tempo, como aconteceu com participantes em algumas escolas, foi possível a adesão de outros jovens interessados, com a anuência de todo o Comitê.

No primeiro encontro, cada grupo construiu sua Árvore de Acordos, um norteador com oito diretrizes de boa convivência e cooperação. Ao longo do projeto, esses jovens desenvolveram, de maneira cooperativa e complementar, uns aos outros, conhecimentos, atitudes e práticas para redução de risco de desastres (RRD) na escola e no entorno. Os Comitês foram divididos em cinco Brigadas Escolares: Preparação, Prevenção, Primeiros Socorros, Resposta e Apoio Psicossocial, cujas atribuições foram estruturadas coletivamente, nos primeiros encontros, até se chegar a um modelo que norteia todos os Comitês (mão da cooperação). Cada estudante escolhia de qual Brigada faria parte, pactuando, com sua assinatura, o compromisso assumido.

Em alguns Comitês, os próprios jovens sentiram a necessidade de criar um grupo de *whatsapp*, com a participação do coordenador de campo, para trocarem informações e se fortalecerem como grupo.



1. DAR O MELHOR DE SI
2. PARTICIPAR ATIVAMENTE DO PROJETO
3. CUIDAR DA ESCOLA
4. COMPROMETIMENTO COM HORÁRIO E ATIVIDADES
5. INTERAÇÃO, RESPONSABILIDADE E COLABORAÇÃO
6. RESPEITAR OPINIÕES
7. REPEITAR O OUTRO
8. ESCUTAR COM ATENÇÃO



HELIO LUAN MARCOLINO 12 anos,
estudante da Escola Municipal
Clemente Fernandes - 24 de Maio.

“Cada um de nós escolheu a brigada que mais se interessou, porque aqui neste projeto ninguém é obrigado a nada. Ganhamos também uma camisa para nos identificarmos, tendo cada brigada a sua cor. A de apoio psicossocial foi a que mais me chamou a atenção porque lida com as crianças, e eu gosto de crianças menores e elas, de mim. Na hora da emergência, cada um tem sua função. A minha é pegar o material de atendimento, um kit de brincadeiras, e ir lá pra quadra da escola.”



DICAS METODOLÓGICAS

Os encontros aconteciam uma vez ao mês, durante cinco horas (um turno escolar), costumeiramente, com atividades teóricas e práticas. Os participantes se organizavam em círculo e iniciavam os trabalhos com a revisão dos aprendizados do encontro anterior, seguida de exposição teórica de novo conteúdo sobre redução de risco de desastres (RRD). Para tal, eram utilizados vídeos, músicas e apresentações visuais como recurso pedagógico. Breves dinâmicas de grupo e exercícios de fixação de conteúdo eram entremeados ou sucediam essas exposições. Posteriormente, o grupo conhecia e usava ferramentas simples de diagnóstico e planejamento em RRD.

Havia atividades em que o conhecimento teórico era transmitido no decorrer da prática, ou seja, por meio do “conhecer pelo fazer”, como no curso que receberam de primeiros socorros, realizado em parceria com a Defesa Civil e com a Cruz Vermelha, bem como no mapeamento da escola, entre outras atividades. Oportunamente, entre um encontro e outro, ficavam tarefas a serem realizadas pelo Comitê, coordenadas pelo ponto focal.

Nota: A metodologia aplicada nas escolas tem como referência ferramentas para a Gestão Participativa de Risco de Desastres em Escolas (em inglês - Participatory School Disaster Management - PSDM), desenvolvidas pela Save the Children.



XAIANE JANUÁRIO 15 anos, estudante da Escola Municipal Amélia Antunes Rabello, em Madame Machado

“Essas brigadas são interessantes porque apesar de terem algumas características iguais, há coisas específicas em cada uma. Tem coisas que outras brigadas têm que a minha não têm. Então, eu posso aprender com a brigada que minha amiga faz parte, e ela, com a minha, e isso é muito legal!”



MARCOS EDUARDO RIBEIRO
Ponto Focal e Coordenador do Colégio Anglicano de Araras

“Este projeto movimentou toda a escola. Estou aqui há 10 anos e nunca tinha visto algo mover tanto os alunos. E estávamos precisando disso. Quem está todos os dias com eles percebe como mudaram de atitude com tudo, uns com os outros, a maneira como observam as coisas, na rotina da escola e até no desempenho escolar. Parece que eles sentem que vir à escola é um ato repetitivo, que se quer deles apenas boas notas. Sentem que o projeto os tira desta referência e mostra que podem ser úteis em outras coisas, até pro próprio colégio e pra comunidade. O projeto traz uma linguagem que atrai o jovem, delegou a eles responsabilidades e eles assumiram o compromisso. Isso os faz serem vistos, olhados, se sentirem importantes. E ser ponto focal me permitiu redesenhar a minha relação com eles e também a deles comigo. Aqueles que fazem parte do Comitê, eu não preciso mais cobrá-los, como era de costume. São eles que vêm me cobrar as diversas tarefas que fazemos entre um encontro e outro. “Dudu, temos que fazer isso... Dudu, quando vamos fazer aquilo...” É legal demais ver os alunos te perguntando, te cobrando, porque estão interessados. E isso contamina positivamente outros alunos da escola. Eu me sinto muito feliz, por mim e por eles!”





NAS COMUNIDADES

Nas comunidades, os Nudecs são formados por moradores da localidade interessados na temática de redução de riscos de desastres. Neste contexto, o envolvimento dos participantes tem uma dinâmica própria. O grupo está continuamente sendo constituído, em diversidade, com pessoas de, por exemplo, diferentes faixas etárias, classes sociais, gênero, que se agregam nas diferentes etapas do processo. Outras, por alguma razão - às vezes de ordem pessoal - se desmobilizam. Por tal motivo, é determinante a atenta observação de quem conduz as atividades, que deve estabelecer uma relação transparente, dialógica e de confiança com os participantes, trabalhar para retê-los, atendendo, dentro do possível e do razoável, as necessidades trazidas pelo grupo. O recomendável é que o grupo seja constituído por, no mínimo, 15 participantes. Novas ações de mobilização podem ser necessárias no decorrer do processo para garantir a participação social.

Desde o início das atividades, os participantes dos Nudecs construíram Acordos de Convivência, além de estabelecer, em consentimento, dias e locais dos encontros. Já a definição dos horários, por diretriz da coordenadora de campo, levou em consideração, também, a preferência/possibilidade das mulheres, que podiam inclusive levar suas crianças - para as quais era criado um simples espaço de recreação durante os encontros, garantindo a participação feminina.



ANA LÚCIA OLIVEIRA DE SOUZA
Moradora e membro do Nudec da Posse

“Criamos um grupo do Nudec no whatsapp e nos comunicamos por ali o tempo todo, até porque hoje é uma ferramenta presente no dia a dia das pessoas, é um facilitador do nosso trabalho. As mensagens chegam rápido, em tempo real e se fala com muitas pessoas ao mesmo tempo. No grupo, combinamos as reuniões, as tarefas que ficam entre um e outro encontro e também nos falamos sobre assuntos como as queimadas que, na estiagem, infelizmente têm sido recorrentes aqui na Posse. Assim, conseguimos saber onde essas queimadas estão acontecendo. Isso é super importante para agirmos com rapidez e tentarmos ajudar”.

DICAS METODOLÓGICAS

Os encontros com os Nudecs aconteciam inicialmente de 15 em 15 dias, sempre com três horas de duração, em média, até que o grupo, ganhando maturidade e autonomia, passava a se encontrar uma vez ao mês. Para cada Nudec, foi criado um grupo de *whatsapp*, com a participação da coordenadora de campo, para que mantivessem a comunicação e a troca de informações entre um encontro e outro, inclusive porque sempre saíam de uma reunião com a próxima agendada e pactuavam tarefas a serem realizadas coletivamente, neste intervalo, mantendo o vínculo entre o grupo e com a temática.

Os encontros aconteciam com os participantes em círculo e eram iniciados com a revisão tanto dos conteúdos dos encontros anteriores como das tarefas pactuadas. Era o momento também de um bate-papo coletivo, em que os participantes traziam dúvidas, opiniões, histórias, sugestões. Na experiência do Projeto, esse espaço/momento foi percebido como essencial para fortalecimento do vínculo do grupo, assiduidade dos participantes e,

consequentemente, interesse continuado pela redução de risco de desastres (RRD) na comunidade.

Percebeu-se, também, que os encontros precisam ser cuidados na qualidade dos conteúdos, porque passam profissionalismo e seriedade, além das pessoas se sentirem gratas por aprender. Como recursos pedagógicos foram usadas apostilas, sendo que cada participante recebeu uma pastinha para acondicionamento dos materiais entregues que, em casa, podiam ser revisitados, além de dinâmicas de grupo e apresentações visuais. As atividades práticas, realizadas com parceiros como Cruz Vermelha, Centro de Defesa dos Direitos Humanos - CDDH e Defesa Civil, trabalharam o aprender pelo fazer, dinamizando e diversificando os encontros.

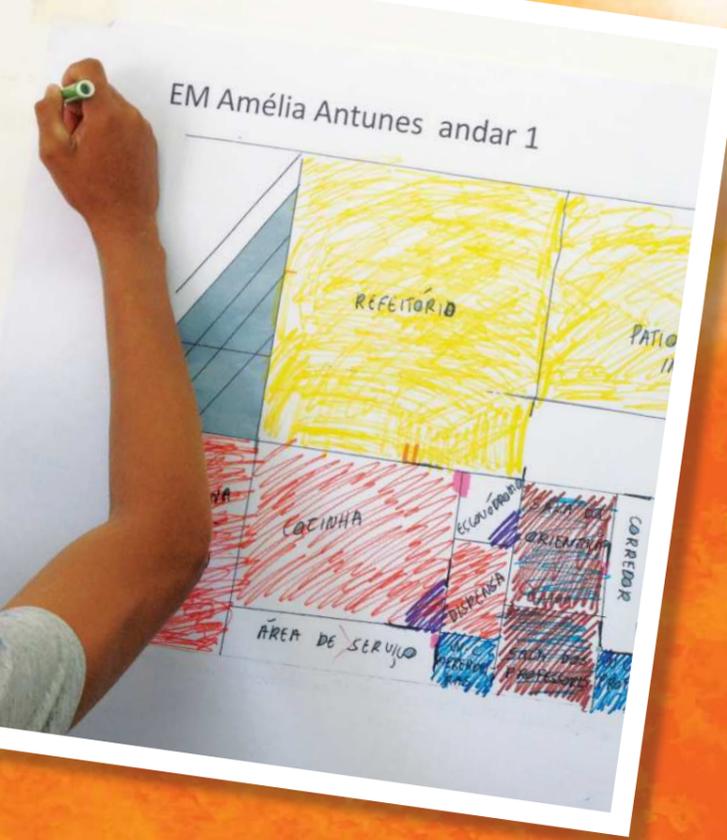
As reuniões eram comumente encerradas com fábulas e parábolas, que tinham como referência a construção de relações interpessoais e RRD. Em todos os encontros, desde os primeiros, de mobilização, sempre era servido um lanche ao final, de maneira a celebrar o momento.



“Desde que tive filho, eu me privei muito. Achava que não podia mais fazer as coisas, porque minha mãe me ensinou assim, que quando a gente tem filhos, tem que cuidar deles, do marido e da casa. Mas agora a experiência de participar do Nudec me mostrou que eu também posso sair, aprender, ajudar outras pessoas, que eu tenho essa liberdade e posso, inclusive, levar meus filhos. E isso também está acontecendo com outras amigas minhas, que têm filhos, como eu. Tem uma que me procurou dizendo que queria participar do Nudec, mas não tinha com quem deixar o filho. E eu disse que isso não era problema, que eu ia nas reuniões com João Miguel, de 1 ano, e o Gabriel, de 4, e que eles ficavam comportados, que o pessoal ajuda, que eles ficam brincando, desenhando e se distraem, e aí ela se animou. E igual a mim, está participando e aprendendo. Depois disso, ela já chamou outra amiga e eu também chamei a Ketlin, todas temos filhos e estamos indo nas reuniões e assim vai... Ali, eu aprendo e, por isso, posso ensinar. Se eu sei que uma determinada área tem risco, por exemplo, se eu aprendi, eu posso explicar pra outra pessoa que não sabe, que está desinformada”.



LAIANE GONÇALVES FRANÇA 21 anos,
moradora e membro do Nudec de Vista Alegre, Araras.



ELABORAÇÃO DO MAPA DE RISCOS

A etapa da elaboração dos mapas de risco do Projeto Fortalecendo a Resiliência, tanto das escolas como das comunidades, é um convite provocador e transformador para re-olhar o próprio território e o espaço escolar frequentado todos os dias, de uma forma que, provavelmente, nunca foi percebido: destacando seus riscos. Mas... o que seriam estes riscos? Muitas vezes são situações aparentemente banais, que estão ali todos os dias, que não observamos, com as quais nunca nos preocupamos, porque nos acostumamos ou não dimensionamos em que podem se transformar se algo no cenário mudar. Neste capítulo, vamos conhecer como os mapeamentos de riscos de escolas e comunidades foram trabalhados e que tipo de transformações foram geradas a partir daí.

“No dia da montagem do mapa de risco, o grupo foi dividido para observar os dois andares da escola, para que depois conversássemos para unir em um mapa só. Então, cada aluno teve sua folha e seu lápis e foi observar o que tem na escola. Foi aí que perceberam que, poxa, na cozinha não tem uma janela, que a gente só tem uma saída na escola... e “se acontece alguma coisa que bloqueie esta saída, como a gente vai fazer?” Os alunos começaram a se indagar. E isso já aconteceu, mas no período de férias e não havia ninguém na escola. Mas se acontecesse de novo, a gente ainda assim não saberia o que fazer, porque não nos preparamos, não sei o porquê. A gente cumpre o protocolo, a escola tem que ter o extintor, tem o registro de água fora, mas mesmo conhecendo os riscos, a gente não se previne, creio que porque nunca achamos, ou pelo menos não queremos, que aconteça aqui e, se acontecer, apenas pensamos em acionar os órgãos competentes. Mas, agora, sabemos que podemos fazer nossa parte. Foi, então, a partir do mapa de risco da escola que a gente começou a pensar alternativas de evacuação. Em uma caminhada no entorno da escola, descobrimos uma casa que fica aqui atrás que dá acesso à servidão ao lado. Então, se tivermos a entrada de nossa servidão bloqueada, sabemos que temos uma outra saída. Tem uma mesa do inspetor no corredor que atrapalha a passagem, mas estamos pensando pra onde vamos levá-la. Na parte de baixo, já tiramos um armário que também atrapalhava a passagem. Isso tudo apareceu depois da construção do mapa, com o olhar dos estudantes mesmos. Essa nova percepção foi muito boa para modificar o espaço dentro da escola pra prevenção”.



LIDIANA MANTOVANI moradora, membro do Nudec, ponto focal do Comitê de Segurança Escolar e Diretora-adjunta do turno da tarde da Escola Municipal Clemente Fernandes, na 24 de Maio.



BRUNO PETZER ZAMBOTI DIAS
15 anos, estudante do Colégio Anglicano de Araras

NAS ESCOLAS

Depois de conhecerem conceitos como risco, vulnerabilidade, ameaça, capacidade, prevenção, mitigação, emergência, entre tantos outros que envolvem a Redução de Risco de Desastres (RRD), os membros do Comitê de Segurança Escolar foram convidados a fazer um voo imaginário sobre a escola e seu entorno, percebendo aquele espaço a partir de novos ângulos e acrescentando, também, no olhar, os riscos que o local pode oferecer. Feito isso, com papel e caneta, individualmente ou em grupo, foram caminhando pela escola e seu imediato entorno e desenhando o mapa escolar, os cômodos, acessos, qualificando as áreas, conforme criticidade (segura/ não segura), mapeando extintores, saídas de emergência, janelas, áreas de recreação e administrativas, situações que causam obstrução no fluxo de pessoas, registros de água, quadro de energia, estacionamento, trânsito no entorno, rios, bueiros, árvores, entre outras questões que pudessem ter relevância e ligação com o mapa de risco escolar.

“Uma questão que o mapeamento nos trouxe é que nosso principal acesso da escola, que é onde fica o refeitório, não serve como saída em uma emergência, porque as mesas impossibilitam o fluxo de pessoas. E nós só percebemos esta questão fazendo o mapa. Com isso, a planta da nossa escola ganhou uma área nova, que não era considerada no nosso olhar, mas que elegemos como área segura, localizada na saída dos fundos da escola, que dá para o Parque Natural do Morin. Toda escola conhece o mapa de risco elaborado pelo Comitê de Segurança Escolar, ele foi apresentado para todas as turmas. Então, hoje, a escola como um todo sabe onde fica a saída de emergência e conhece o trabalho do Comitê”.



FATIMA CRISTINA QUEIROZ mãe de alunos, moradora, membro do Comitê e funcionária da Escola Municipal Luiz Carlos Soares, no Morin

“Identificamos na escola locais que eram mais propícios a um incêndio, a uma inundação, a um curto circuito, estas coisas que normalmente a gente nem imagina, que o olhar de um aluno não percebe, Passamos a notar situações que a gente vivenciava todos os dias e se acostumava, como a porta da minha sala que trava e a gente já até pegou o jeitinho de abrir e fechar e, por isso, nem dava mais importância. Mas ao mapear a escola, fomos prestando atenção em vários lugares, nosso olhar mudou, foi um olhar mais minucioso, nos deixando enxergar coisas que não víamos no dia a dia.

E isso é importante porque numa situação de necessidade ia ser um pânico geral. Hoje, se acontecer alguma coisa, os alunos da escola sabem o que fazer. A gente leva isso até pra casa. Na minha casa mesmo, eu passei a perceber riscos que nunca tinha notado. O que eu tenho vivenciado neste projeto mudou demais minha vida. Agora eu já olho tudo diferente. Até o meu olhar pela sociedade mudou. Sabe aquele papel de bala que a gente tira e joga no chão? Isso já mudou. Eu agora guardo pra depois jogar no lixo, porque um simples papel é lixo e isso pode levar a um desastre bem maior”.



SEBASTIÃO DE CASTRO NETO
morador e membro do
Nudec do Morin

“Uma coisa que surgiu na construção deste mapa de risco foi um riacho que, sem chuva, é um fluxo de água insignificante, sem perigo algum, mas que quando chove, multiplica o volume de água, e vira uma grande cachoeira, se tornando um risco para os moradores. Ao longo do curso desse riacho, indicamos, no mapa, onde estão pequenas pontes, que fazem parte da via principal e que podem ser danificadas com o volume de lixo trazido pela enxurrada, interditando o único acesso da comunidade. Incluímos também uma pedra que têm risco de descer, mas para a qual já há previsão de uma obra de contenção. Organizar estas informações no mapa foi fundamental, principalmente para quem mora ali perto, que tinha uma ideia do problema, mas não percebia a gravidade. E quando a gente põe no papel aí que se tem a verdadeira dimensão. Os próprios moradores não tinham se dado conta de que poderiam ficar sem seu único acesso. Agora, quando chover, ficarão mais alerta e acredito que quem faz parte deste Nudec e mora no Alto Pedro Ivo já está mapeando melhor as saídas por trilhas, que é um meio de socorro alternativo à única rua da comunidade. Precisamos agora acrescentar, nesta mapa, as pessoas com deficiência e idosos da comunidade.”

NAS COMUNIDADES

Nesta etapa, os membros do Nudec foram convidados a olhar para seu território e registrá-lo por meio de um mapa, mas agora com novas lentes, levando em conta os conhecimentos adquiridos de percepção de risco. Primeiramente, realizaram, em grupo, uma espécie de “mapa falado”, em que desenharam a comunidade a partir de um registro livre, sem base cartográfica, utilizando-se de papel grande, lápis, borracha, canetinhas. Nesta experiência, indicaram áreas de risco, vias de acesso, equipamentos comunitários, locais onde cada um mora, onde moram também pessoas com deficiência, locais de descarte de lixo, cursos d’água, parquinho, biodigestor, horta comunitária, galpão de projeto cultural, e outros pontos que a comunidade considerou importante identificar. Concluído este processo, os participantes apresentaram uns para os outros o que foi produzido. Em seguida, transcreveram todas as informações do “mapa falado” para um mapa real impresso em *plotter*. Após finalizado, este mapa colaborativo pode ser reproduzido em formato de *banner*, que traz mais resistência e durabilidade, e ser afixado na sede do Nudec ou em local definido pelo grupo. Esta etapa costuma levar de dois a três encontros para ser concluída. Entre um encontro e outro, os participantes receberam tarefas para levantar informações e registros históricos da ocupação e o desenvolvimento da comunidade - e também de ocorrências de desastres, por

meio de entrevistas com moradores antigos, fotografias e reportagens de jornais. Além de recuperar a história do bairro associada à sua geografia, estas atividades têm o objetivo de reconectar vínculos comunitários, valorizar os saberes locais e o conhecimento popular, além de reunir informações para fundamentar a etapa seguinte, que é o Plano de Ação. No encontro seguinte, o grupo realizou uma caminhada na comunidade para ilustrar com fotos o que se tinha desenhado no mapa e confrontar se aquilo que se percebeu no território está de acordo com o que se apresentou no mapa.

É importante observar que, na experiência do Projeto Fortalecendo a Resiliência, em Petrópolis, alguns Nudecs foram constituídos também por agentes de saúde (profissionais das equipes da Estratégia de Saúde da Família da Secretaria Municipal de Saúde), tendo como resultado uma maior intersetorialidade no mapeamento de risco de algumas comunidades. As agentes de saúde trouxeram mapas das micro-áreas em que atuam, indicando as áreas mais vulneráveis do ponto de vista de saúde, já mapeadas, e que, não por coincidência, coincidiam com as áreas de maior risco de desastres, uma vez que as determinantes sociais e econômicas que afetam a saúde são, muitas vezes, as mesmas que aumentam a vulnerabilidade aos riscos de desastres.



ANA ANGÉLICA BRENDO LIM moradora,
agente de saúde comunitária e
membro do Nudec da Posse

No mapeamento da comunidade, que fizemos aqui no Nudec, pude contribuir trazendo informações de grupos de pessoas que merecem atenção especial, como diabéticos, hipertensos, acamados, pessoas domiciliadas, com deficiência, gestantes, crianças, pois sabemos onde estão e quais as necessidades destes grupos também em um eventual desastre. Existe uma ligação muito grande entre as áreas onde estão os maiores riscos do bairro e as comunidades mais carentes, que normalmente são mais distantes, de difícil acesso e com menor suporte à saúde”.

“Quando chegou a proposta de criarmos um mapa das áreas de risco da comunidade que estamos trabalhando, nos unimos e começamos a imaginar e a lembrar o que conhecíamos. Tínhamos folhas e canetas e fomos colocando no papel o que cada um ia descrevendo. Criamos este mapa juntos e foi muito interessante a colaboração de todos. Descobrimos vários lugares que não tínhamos a real dimensão e passamos a ter depois que os moradores daquelas áreas específicas foram relatando detalhes. Cada um foi falando sobre o local que vivia, que conhecia, fomos colocando nomes das ruas, pontos importantes, como igrejas, colégio, algum tipo de estabelecimento comercial. E aí foi fluindo e criamos um mapa que, de repente, se tornou enorme. Não mapeamos todo o bairro, mas mapeamos a comunidade em que estamos neste momento trabalhando, que é o alto Pedro Ivo, aqui no Morin”.



RODRIGO ROSA DA ROCHA
morador e embro do Nudec
do Morin

ELABORAÇÃO DO PLANO DE AÇÃO

Conhecer é determinante. Mas agir, a partir daí, é um passo inevitável.

O olhar que, agora, todos têm para a escola e para a comunidade, não é mais o mesmo. E esta mudança, na maior parte das vezes, não é pontual, mexe na matriz pessoal de cada um, na forma como tudo à volta é percebido. E, por isso, as atitudes também mudam. Agora que se sabe, que as ameaças, os riscos e as vulnerabilidades são conhecidos, é preciso agir, ampliar e organizar as capacidades de cada um, fazer alguma coisa para mudar, para aumentar a segurança e o bem-estar de todos. Neste capítulo, vamos conhecer como se desenhou a etapa do Plano de Ação do Projeto Fortalecendo a Resiliência.

NAS ESCOLAS

A etapa do Plano de Ação no ambiente escolar foi dividido em duas fases: a elaboração e a socialização do Plano. Na primeira fase, o Comitê de Segurança Escolar trabalhou para organizar as informações levantadas no mapeamento de riscos da escola, estruturando uma espécie de diagnóstico do cenário escolar, na lógica da gestão do risco. Nesse diagnóstico, uma das ferramentas que os jovens conheceram foi a matriz de risco, utilizada para documentar e classificar as principais ameaças do ambiente e os riscos a elas associados. Identificaram também as vulnerabilidades e estabeleceram ações para mitigá-las ou solucioná-las. Algumas vulnerabilidades eram frequentes em todas as escolas e outras, específicas. A mais comum foi a deficiente ou inexistente sinalização de emergência, que foi resolvida com um projeto de sinalização implantado em todas as unidades participantes. Em algumas escolas, detectou-se extintores fora da validade e funcionários despreparados para agir em caso de incêndio, incluindo o manuseio dos extintores. Para estes casos, o Projeto se articulou com a Defesa Civil e a Cruz Vermelha, que ofereceram cursos de primeiros socorros e acidentes caseiros, com vistas a ampliar a capacidade da comunidade escolar para responder a incêndios e pequenos eventos. Todo o Comitê participou deste curso. Houve também vulnerabilidades específicas observadas, como maçanetas quebradas, móveis em espaços inadequados, entre outros, requerendo das escolas reparos e/ou adequações. Quando estas questões, principalmente pela recorrência, não podiam ser resolvidas pela escola, o Comitê decidiu incorporá-las ao seu “microprojeto” (que será tratado em capítulo adiante deste Guia).

Nota: O Plano Familiar utilizado neste Projeto é um documento fruto da adaptação do modelo utilizado pela Save the Children em outros países associado a referências extraídas de planos familiares nacionais para prevenção.

PERCEBER AS AMEAÇAS, DIAGNOSTICAR AS VULNERABILIDADES E ORGANIZAR AS CAPACIDADES SÃO QUESITOS ESSENCIAIS PARA REDUZIR RISCOS DE DESASTRES

Também na fase de elaboração do Plano de Ação, foi apresentado ao Comitê o Plano Familiar, que é uma pequena apostila com orientações para a redução de riscos no ambiente caseiro. O objetivo era que os estudantes pudessem compartilhar a experiência e o aprendizado adquiridos, despertando em seus familiares a percepção do risco e ampliando a capacidade da família de se prevenir. Por fim, ainda nesta fase, encontros do Comitê serviram para planejar o simulado escolar de resposta à emergência (que será tratado em capítulo adiante deste Guia), que são exercícios práticos que simulam uma situação real em que a escola vivencia um evento crítico, como, por exemplo, uma inundação ou incêndio.

A segunda fase do Plano de Ação é a sua socialização. Para compartilhar com toda a escola, o Comitê de Segurança Escolar montou uma espécie de “Feira do Conhecimento”, se organizou por Brigadas e apresentou seus trabalhos, desde a etapa de estruturação do grupo até o planejamento do simulado.

“Os trabalhos do plano de ação começaram com a percepção de quais eram nossos maiores riscos. Aqui na comunidade, a gente já teve alguns eventos. O mais terrível de todos foi o de 2011, uma enchente que arrasou com todo este vale em que estamos. Nós chegamos à conclusão que nossa maior ameaça é o rio encher. E então começamos a desenhar um plano de ação que prevê a evacuação das pessoas em caso de uma enchente. Cada um dos alunos está envolvido em uma etapa. Eles fazem parte das brigadas, sendo que cada uma é responsável por ações específicas para a retirada do grupo que está aqui. E vamos fazer uma simulação para colocar este plano em ação.”



LUCIANE BICA professora e ponto focal do Comitê de Segurança Escolar da E.M. Amélia Antunes Rabello, em Madame Machado.



RICARDO LUIZ CORRÊA agente da Secretaria Municipal de Defesa Civil/ facilitador do curso de primeiros socorros

“A mudança cultural começa na criança, porque os adultos têm seu círculo vicioso e acham que já sabem tudo, mas não sabem. Os primeiros socorros não só ensinam o que fazer, mas quebram alguns mitos da coisa errada. Muitas vezes, as pessoas ocupam o sistema de saúde por conta de um pequeno corte. Se você souber os cuidados básicos, além de não ocupar o sistema, ainda evita se confrontar com uma bactéria, por exemplo, de ambiente hospitalar. Primeiros socorros dão uma ampla visão e, com as atividades práticas, a criança participa, participa mesmo, ela gosta e reconhece várias situações de perigo e emergência e passa a ser mais cuidadosa e solidária.”



LILIAN ANDRADE moradora e mãe de Adílio, membro do Comitê de Segurança Escolar da Escola Municipal Clemente Fernandes, na 24 de Maio

Eu venho acompanhando o meu filho neste projeto desde o início. Estive na escola para ver os trabalhos dele e dos outros jovens e fiquei muito maravilhada. Conforme este projeto foi acontecendo, fui ficando cada vez mais surpresa, primeiro por estar acontecendo aqui, que é sempre tachado como um lugar violento, que as pessoas têm medo, depois com o progresso deles. Este projeto preencheu o tempo do Adílio, que estava ocioso, e vejo meu filho mais envolvido, conosco, com os colegas dele e mais interessado também, debatendo o assunto. Teve uma vez até que ajudei em um trabalho. Fomos procurar saber o que era resiliência e descobri que é a capacidade de dar a volta por cima depois de uma tragédia, de uma coisa muito profunda, que mexe com a gente. E o Adílio passa o que ele aprende sobre prevenção pras pessoas. Chegou na casa da minha mãe, contou pra ela, pra prima dele, pro namorado dela... isso é que nem epidemia, vai espalhando, mas uma epidemia do bem, que te alerta pros perigos, ajuda um ao outro a viver em comunidade, expande a mente e humaniza mais a pessoa”.



NAS COMUNIDADES

Como nas escolas, a etapa do Plano de Ação junto aos Nudecs foi também organizada em duas fases: a elaboração e a socialização do Plano. Na primeira fase, os grupos fizeram o diagnóstico comunitário, sob a ótica da gestão do risco, ou seja, organizaram o que eles mesmos levantaram na etapa do mapeamento de risco do território. A partir daí, foram estimulados a estabelecer ações para apoiar a comunidade na mitigação e prevenção das vulnerabilidades e riscos identificados. Uma parte dos Nudecs decidiu realizar ações imediatas, por meio de eventos locais de conscientização e sensibilização sobre desastres, para os quais a coordenação de campo do Projeto buscou materiais de comunicação produzidos e disponibilizados pela Defesa Civil nacional, com os temas de prevenção, deslizamentos, enchentes, queimadas, construção segura. Em algumas dessas comunidades, estes pequenos eventos foram integrados às campanhas calendarizadas da Defesa Civil em curso, como a de Combate às Queimadas, que, por conta do período de estiagem, estava sendo realizada em alguns distritos do município. Outros Nudecs optaram por preparar uma campanha específica, considerando as principais ameaças da comunidade, como lixo e construções em áreas de risco, por exemplo, e passaram a planejar as ações no âmbito de seu “microprojeto” (que será tratado no próximo capítulo deste Guia). Houve Nudecs que optaram por ampliar suas capacidades como grupo, para serem melhor identificados, adquirirem conhecimentos técnicos e equipamentos

básicos para, então, poderem apoiar a comunidade, tanto na conscientização como na primeira resposta a eventuais desastres, com mais propriedade e reconhecimento. Nestes casos, estes grupos também optaram por trabalhar as ações do plano como seu “microprojeto”, se estruturando como uma Equipe Comunitária de Prevenção e Emergência. Observa-se, assim, que os Planos de Ação variam a partir do que cada grupo constrói, coletivamente, como caminhos possíveis, no tempo e no espaço, para reduzir os riscos identificados. E a própria ação na comunidade, nestes casos descritos, tornou-se a socialização do Plano de Ação.

Com os Nudecs também foi trabalhado o Plano Familiar, que é uma pequena apostila com orientações para a redução de risco no ambiente caseiro. O objetivo é que aquelas pessoas pudessem não somente se preparar para ajudar a comunidade, o seu vizinho, em uma situação de emergência, mas despertassem, também, o olhar para sua própria família, para dentro de sua casa, se organizando melhor, se preparando e se prevenindo tanto em cenários mais rotineiros, em que o risco pudesse ser reduzido, como em situações de eventos adversos.

Em parceria com a Defesa Civil e a Cruz Vermelha, todos os Nudecs participaram de cursos de primeiros socorros. Em algumas comunidades, cujo interesse do Nudec é ser também uma Equipe Comunitária de Prevenção e Emergência, houve uma capacitação técnica complementar.

Nota: O Plano Familiar utilizado neste Projeto é um documento fruto da adaptação do modelo utilizado pela Save the Children em outros países associado a referências extraídas de planos familiares nacionais para prevenção.



VICTOR HUGO BENVENUTI
13 anos, estudante da Escola Municipal Johann Noel, Bingen

“O curso de primeiros socorros ensinou a gente como ajudar uma pessoa quando ela se machuca. Eu aprendi que a gente não deve se desesperar, que tem que manter a calma, pedir ajuda, afastar as pessoas que estão desesperadas e observar, em volta, pessoas que podem nos ajudar. E também comigo mesmo, agora sei melhor como posso evitar de me machucar. O mais legal foi que a gente aprendeu que não só um adulto, mas uma criança, um jovem também pode ajudar um outro colega ou alguém em casa, em coisas simples, mas que ajudam. E eu contei pra muita gente o que aprendi aqui”.

“A gente foi chamando as turmas do segundo segmento, 6o e 7o ano, e apresentamos nossas brigadas, demonstrando um pouco do nosso trabalho. Eles gostaram, interagiram e fizeram perguntas. Muitos tinham curiosidade, porque viam uma coisa diferente acontecendo na escola, mas não sabiam exatamente o que era.

Eu acho importante que os outros alunos da escola conheçam nosso trabalho para nos darem apoio, respeitem o que estamos fazendo, verem que é sério, para no dia do simulado poderem seguir nossas orientações e entenderem como isso tudo é importante pra nossa segurança”.



THEREZA BEATRIZ 15 anos, estudante do Colégio Anglicano de Araras



JORDAN SANTOS 14 anos, morador e membro do Nudec da Posse

“Nossa campanha foi muito legal, entregamos panfletos para quem passava na rua. Batemos papos com as pessoas e muitas falaram como era a Posse antes, como ela vem mudando. Coisas antigas, que eu nunca tinha ouvido falar.

Quando saí da campanha, peguei uns panfletos sobre as queimadas, pra levar para minha casa e distribuir pros vizinhos. Chegando perto da minha casa, fui distribuindo nas caixinhas de correios. Aí tinha um moço colocando fogo no lixo, num pasto. Eu subi pra falar com ele. Quando eu cheguei perto, o fogo já estava bem forte e aí eu entreguei o panfleto pra ele e disse: “Se eu fosse o senhor, eu apagava, porque o senhor pode pagar uma multa”. Aí, ele leu o panfleto todinho, subiu, pegou o balde pra apagar o fogo, mas já não conseguiu mais. Então, ele ligou pros Bombeiros, que foram lá e ajudaram a apagar. Depois de uns dois dias, eu encontrei o senhor, que me agradeceu por ter entregado pra ele o papel. Eu achei bom porque ajudei várias pessoas, porque se o fogo pega pode chegar nas casas e a fumaça também faz mal”.

“Quando recebi o plano familiar, olhei, mas só fui ler em casa. Foi quando comecei a observar que a gente ficava muito preocupada com a comunidade em si, com o vizinho. Mas eu nunca tinha olhado pra dentro da minha casa com esse olhar, de montar um plano específico pra se a gente tivesse que sair às pressas. Quando o rio enche e transborda, a gente já sabe o que vai acontecer, no desespero, pega tudo que lembra, celular, documentos..., mas eu não tinha isso pronto. E foi lendo esse plano que comecei a me dar conta. Inclusive que poderia adequá-lo também na casa da minha mãe, que é uma senhora de 85 anos, que mora sozinha e recém sofreu um acidente, caiu dentro de casa. Comecei a ter ideias para aumentar a segurança dela, como dotar a casa de campainhas. Ela também tem uma pasta organizada com todos os documentos. Esse final de semana, a luz lá em casa piscou e me veio de novo o plano na mente, percebi que estava faltando na casa da minha mãe a luz de emergência. Desde então, eu falo sobre este plano pra todo mundo. E olha que a gente já trabalha com prevenção na comunidade desde o desastre de 2011 e nunca tinha pensado nessas coisas, nessas ideias de preparação para uma situação de emergência. Lá em casa, agora, todo mundo tem sua pastinha com documentos, fica dentro do armário. A hora que choveu e encheu, é só pegar as pastinhas e sair”.



CRISTINA ROSÁRIO moradora e membro do Nudec do Gentio e Adjacências, em Itaipava



RICARDO LUIZ CORRÊA agente da Secretaria Municipal de Defesa Civil/ facilitador do curso de primeiros socorros

“Num sábado de manhã, fizemos uma ação no bairro, em uma área muito movimentada, abordando as pessoas que passavam. Distribuimos material da Defesa Civil sobre queimadas, que inclusive advertia as pessoas, informando que além de perigoso, as pessoas podem ser notificadas e multadas. Muita gente aqui, por ser área rural, queima seus lixos. Conversamos muito com quem parava para ver o que estávamos fazendo. Ter um grupo que faz este papel de conscientizar sobre os riscos é muito importante. Mas queremos mais que isso, fortalecendo o nosso Nudec, podemos fazer formações continuadas na comunidade.”

“Nós participamos do curso de primeiros socorros e de resposta porque decidimos ser uma Equipe Comunitária de Prevenção e Emergência. No curso, eu aprendi que antes de salvar as pessoas a gente precisa estar se sentindo seguro. Primeiro a nossa segurança para depois irmos socorrer as vítimas. Toda minha família participou do curso de primeiros-socorros, meu marido e meus filhos. Simulamos um socorro em um deslizamento. Conforme fomos entrando na casa, gritamos que éramos a equipe de socorro, fomos procurando as vítimas, resgatando, organizando e classificando as pessoas de acordo com as necessidades que apresentavam naquele momento. Identificamos as pessoas que precisavam de socorro imediato, as que davam pra esperar um pouquinho, as que podiam sair por si próprias sem precisar de apoio nosso, as crianças, idosos... Agora eu me sinto mais segura se precisar salvar minha vida, ajudar minha família ou alguém na comunidade que precise”.

No passado, não se falava de risco com a população, havia um medo que a população conhecesse aquele risco. Quando se deixou a comunidade ver e viver o próprio risco, ela ganhou mais segurança, porque ela passou a conhecer e podia ter mais condições de se prevenir ou agir. Eu costumo dizer que barreira não cai sobre a mesa do oficial, cai lá onde a comunidade está, é ela que vive, ela que sente. Então não se pode depender tudo da Defesa Civil. Aumentar a capacidade destas comunidades é muito importante. Quando se tem uma emergência na comunidade, quem chega primeiro? Bombeiros, ambulância do Samu? Não, primeiro é o vizinho! Então vamos fortalecer os vizinhos, vamos criar uma comunidade forte. Em boa parte das vezes, se tiver calma e uma pequena noção do que fazer, pode ajudar a salvar vidas.



MARIA DO CARMO RIBEIRO/CARMINHA moradora e membro do Nudec da Posse



SILVANA BARBOSA BORGES moradora e membro do Nudec do Themístocles – Estrada da Saudade

MICROPROJETOS

Aprender fazendo se mostrou, no Projeto Fortalecendo a Resiliência, um caminho que deu certo, tanto com jovens, como com moradores das comunidades. E essa foi realmente uma etapa de experimentação. Os participantes desenvolveram pequenos projetos escolares e comunitários que dialogam com a prevenção e a redução de riscos, participando de todos os passos, desde a concepção, passando pelo planejamento e chegando na execução.

Neste capítulo, vamos conhecer os processos que geraram os 20 microprojetos desenvolvidos no âmbito do Fortalecendo a Resiliência, conduzidos por escolas da rede municipal de ensino e pelos Núcleos Comunitários de Defesa Civil - Nudecs de dez territórios de Petrópolis.

NAS ESCOLAS

Nesta etapa, o objetivo principal foi dar protagonismo ao Comitê de Segurança Escolar para construir um microprojeto que tivesse aderência à redução de risco de desastres ou baseado em ações de mitigação de riscos, que beneficiasse a escola e/ou a comunidade. A proposta foi dotar o grupo de recursos e ferramentas para desenharem este pequeno projeto, definindo objetivos, planejando etapas, estruturando e gerenciando cronograma, e atribuindo responsáveis. Para custear a execução, cada microprojeto dispunha de um pequeno valor financeiro, especificamente para aquisição de materiais, capacitação ou apoio em recursos humanos. Também foram trabalhados e incorporados critérios que pudessem contribuir com a sustentabilidade do microprojeto, entre eles, a aceitação da direção da escola e a aproximação com apoiadores e parceiros locais, como uma empresa, um morador, uma ONG, um comerciante, como aconteceu em algumas escolas.

O ponto de partida para a construção deste microprojeto nas escolas foi o uso da metodologia *Dragon Dreaming* (dragondreaming.org), um sistema integrado para a realização de projetos criativos, colaborativos e sustentáveis, que possui nos seus valores centrais o crescimento pessoal de todos os envolvidos, o fortalecimento do sentido de comunidade e a responsabilidade ativa com a Terra. Este método traz uma abordagem holística, que utiliza a teoria de sistemas vivos, é baseado também na ecologia profunda e na sabedoria dos povos aborígenes, com vistas a tornar os sonhos das pessoas realidade, convertendo em projetos e organizações sustentáveis.

Nesta etapa, o ponto focal do Comitê, e outros líderes que se constituíram no processo, têm papel fundamental para dar apoio e consequência às ações planejadas, de acordo com o cronograma e atribuições definidas pelo grupo. A etapa do microprojeto teve duração entre dois e três meses e foi concluída, seguindo o método *Dragon Dreaming*, com a celebração do grupo.

CONHEÇA OS MICROPROJETOS ESCOLARES

- Estrada da Saudade/ E.M. Fábrica do Saber: Mural de Grafitti
- Morin/ E.M. Luiz Carlos Soares: Horto Agroflorestal em Área Abandonada da Escola
- 24 de Maio/E.M. Clemente Fernandes: Mapeamento Comunitário por Drone
- Vila Rica/E.Municipalizada Santa Teresinha: Pequeno Centro de Coleta Seletiva em Área Pública Abandonada
- Araras/ Colégio Anglicano: Mini Centro Agroflorestal e Ação contra Epidemias
- Bingen/ E.M. Johann Noel: Plano de Incêndio e Spots para Rádio
- Independência/ E.M.Alto Independência: Plano de Incêndio e Jardim Medicinal
- Nogueira-Corrêas/ E.M Professor Nilton São Thiago: Ação de Mitigação no Bairro da Glória
- Posse/ E.M. Beatriz Zaleski: Jardim Medicinal em Área Abandonada
- Madame Machado/E. M. Amélia Antunes Rabello: Centro de Saberes Comunitários em RRD



RAQUEL GIRARDI SIXEL Diretora da Escola Municipal Fábrica do Saber, na Estrada da Saudade

“A gente tem um muro que fica perto da entrada da escola e ali está sempre cheio de lixo. Até tem umas plaquinhas, mas ninguém respeita, e isso é uma situação que incomoda todo mundo. Na verdade, as pessoas sabem o que tem que fazer. Mas nunca houve uma ação concreta para o assunto e, então, a coisa continua. O grupo que está neste projeto do Fortalecendo a Resiliência decidiu usar a arte para abrir um diálogo com a comunidade, pintando recados no muro, mensagens de preservação, de limpeza, de cuidado com o local. É muito interessante, porque a fala saiu das quatro paredes da escola e foi parar no muro. Todos que passarem, seja da comunidade ou não, vão receber aquela mensagem. Fico imaginando os alunos que fizeram parte desse projeto desde o início, e agora vão passar ali e vão ver o muro, certamente vão lembrar das etapas que viveram, do mapeamento dos riscos da escola, das discussões que surgiram durante o projeto, das dúvidas, de coisas que talvez eles nunca tenham parado para pensar e, a partir desse projeto, os levou a uma reflexão e a uma ação. Porque o que eles fizeram não ficou só na fala ou no mundo das ideias... aconteceu! E o aluno que participou vai sentir orgulho por ter feito parte disso.”

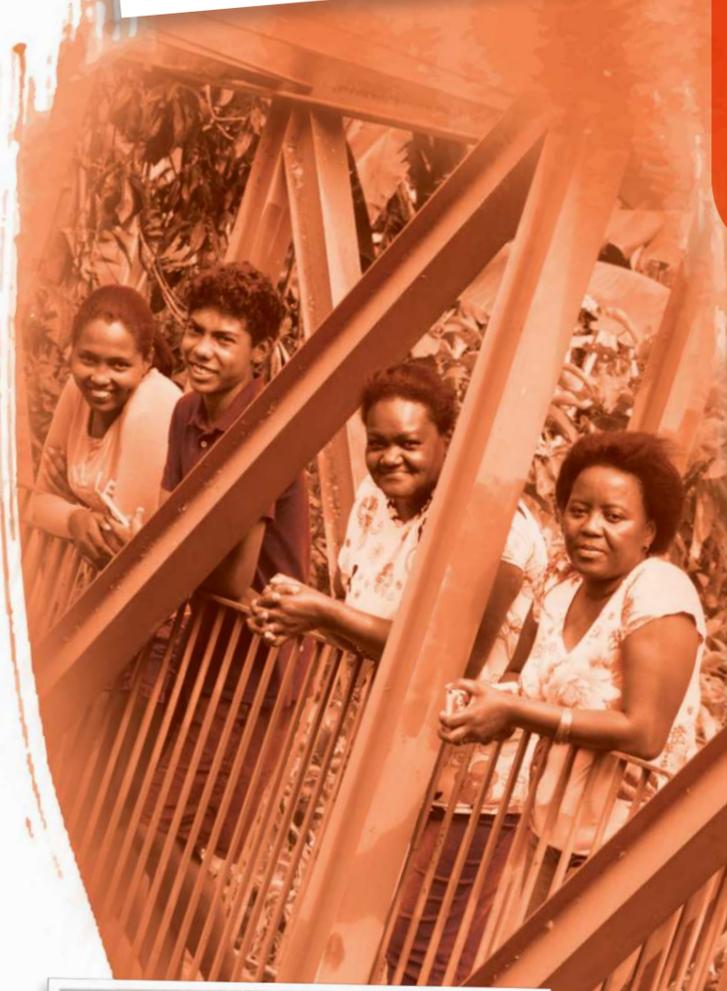


NAS COMUNIDADES

A construção do microprojeto comunitário, nascido no seio do NuDec, foi um ato contínuo às etapas anteriores do Projeto. Depois de diagnosticarem os riscos da comunidade e pensarem em estratégias e ações para reduzi-los, os membros do Núcleo Comunitário de Defesa Civil transpuseram esses aprendizados e ideias para um pequeno projeto, real e factível. E para construir este microprojeto, foram trabalhadas perguntas norteadoras, dentre elas: O que querem fazer? Por que querem fazer? Tem aderência à redução de risco de desastres, à resiliência comunitária ou à mitigação de risco na comunidade? Como pretendem realizar? Quando desejam realizar? Como vão se organizar para realizar? Quem será responsável por o quê? Precisam de recurso financeiro? Para quê? Quanto? Como será o processo de decisão coletiva? Como pretendem dar continuidade ao longo do tempo? Com estas e outras provocações, o microprojeto foi sendo desenhado coletivamente e o grupo passou a fazer reuniões com mais autonomia, ou seja, sem necessariamente ter a presença da facilitadora do Projeto, de forma a darem consecução às ações planejadas. Para custear a execução, cada microprojeto dispunha de um pequeno valor financeiro, especificamente para aquisição de materiais, capacitação ou apoio em recursos humanos. Na comunidade, esta etapa teve duração de dois a três meses.



“Para o nosso microprojeto escolhemos ser uma Equipe Comunitária de Prevenção e Emergência. A gente vai ser tipo um apoio pros órgãos competentes que sabem agir. Por exemplo, se deslizar, cair alguma casa aqui, quem é que está mais perto? Somos nós. Então nós queremos estar mais preparados e, além de conhecimentos, precisamos de materiais, como cordas, lanternas, apito, água potável, equipamentos de proteção individual, coisas assim, que estamos recebendo como parte deste microprojeto. Mas, como vamos agir numa situação de emergência? Todos vamos vir pra cá, que é o ponto de encontro. A pessoa que chegar primeiro vai ser o líder da operação e partir daí vamos fazer nosso trabalho. Se a gente não puder fazer nada, vamos isolar o local e aguardar a chegada das autoridades competentes”.



CONHEÇA OS MICROPROJETOS COMUNITÁRIOS

- NuDec Posse: Vídeo documentário da história da Posse - resgate histórico dos impactos socioambientais para a RRD
- NuDec Vista Alegre/ Araras: Horta Comunitária e Solidária para contenção do solo para Redução de Risco de Desastres
- NuDec 24 de Maio: Coleta seletiva e solidária de resíduos para a mitigação de espaços de descarte
- NuDec Itaipava (Gentio e adjacências): Monitoramento de rio por régua e plano de comunicação comunitária
- NuDec Morin e NuDec da Estrada da Saudade: Formação de Equipe Comunitária de Prevenção e Emergência e compra de equipamentos individuais e coletivos para resposta
- NuDec Independência/Taquara: Projeto de criação de alerta e alarme por rádios para RRD
- NuDec da Glória: Mitigação - Reflorestamento de áreas vulneráveis para RRD
- NuDec de Vila Rica: Coleta seletiva e solidária de resíduos para a mitigação de espaços de descarte
- NuDec do Bingen: Criação de spots para rádios para a RRD



MARIA ALICE DA SILVA 22 anos
moradora e membro do NuDec
Gentio e adjacências, Itaipava

“O nosso microprojeto aqui é uma régua para o rio. Porque aqui a gente vigia o rio sempre, quando chove e até quando não chove, porque ele enche mesmo tendo chovido só nos bairros vizinhos, como aconteceu na tragédia do Cuiabá em 2011, e a água que veio de lá também inundou toda nossa comunidade. Então é o que a gente mais precisa agora, uma forma de medir melhor o rio enchendo. Nosso NuDec existe desde 2011 e eu entrei em 2013. Antes, começava a chover e eu entrava em pânico, tinha até que tomar remédio, porque eu já vi e já vivenciei algumas situações de desastre, desde que eu era pequena. Depois que me envolvi com o NuDec, busquei mais informação, passei a ajudar nas ações e me preparar, comecei a ficar mais calma quando chove forte. Hoje eu faço faculdade de Engenharia de Produção e meu irmão mais novo quer ser meteorologista. A gente está muito envolvido com esta questão de prevenção, inclusive já conversamos algumas vezes sobre um projeto nosso para montar um centro de monitoramento dos rios da região, com um sistema de alerta com mensagens via celular”



PAULA DA COSTA LEITÃO
moradora e membro do
NuDec do Morin



FRANCISCO DE AQUINO/CHICÃO
morador e membro do NuDec
de Vista Alegre, Araras

“A nossa horta, aqui na associação de moradores, é o nosso microprojeto. Na verdade, é o começo do projeto de uma horta maior e vejo como uma maneira de ir melhorando a resiliência da comunidade. Eu não sabia o que era isso, aprendi outro dia. Agora sei que essa palavra é a condição das coisas voltarem ao normal depois de um estresse, de uma enchente, por exemplo. Nessas horas precisamos de apoio. E a horta vai nos unir mais, e unidos, podemos ajudar mais uns aos outros, como em situações difíceis que já aconteceram aqui. No início, pode parecer bobeira, mas quando vamos aprofundando, as pessoas vão chegando, pedem uma coisa colhida da horta, depois passam a ajudar, aí começam a fazer em casa, e assim vai. Sem contar que cada um pode ajudar seu vizinho, principalmente aqueles que não têm como comprar comida, porque aqui o bairro é muito grande e tem muita pobreza. Aprender a doar, a servir, é muito importante. E alimentos colhidos de uma horta também podem ser trocados na mercearia por um outro produto. Aqui no NuDec, temos muitas crianças participando. Além de ser saudável pra eles mexerem e se ocuparem com a terra, já está sendo também um estímulo pro pai aprender a plantar”.

SIMULADOS

Simulados de resposta a emergência são exercícios práticos que imitam uma situação real e visam preparar melhor as pessoas para eventos críticos. Um momento de mais tensão - e de mais atenção também. Mas, dando tudo certo, o final é de celebração, trazendo para os participantes o sentimento de satisfação, de missão cumprida!

Neste capítulo vamos conhecer como aconteceu a última etapa do cronograma do Projeto Fortalecendo a Resiliência, que foram os simulados escolares, realizados com o apoio da Defesa Civil municipal e estadual, da Secretaria Municipal de Educação, do Núcleo Comunitário de Defesa Civil - Nudec do bairro e de outros parceiros, entre eles voluntários do Instituto C&A.

ROTEIRO DA SIMULAÇÃO ESCOLAR

01 | Estampido!!!

02 | Após o estampido, um integrante da Brigada de Prevenção (VERDE), de cada sala de aula, se dirige imediatamente até a sala da direção para o acionamento participativo do alarme. De lá, sairão com cornetas pelos corredores iniciando o simulado.

03 | Neste momento, em cada sala, dois integrantes da Brigada de Preparação (AMARELO), começam o alinhamento de suas turmas. Em todas as salas, as Brigadas de Resposta (VERMELHO) devem sair de forma organizada e ir ao encontro do local ameaçado. (fumaça!!!) A Brigada de Primeiros Socorros (LARANJA) deve pegar materiais de primeiros socorros (maleta de socorros e maca) e de Apoio Psicossocial (AZUL), pegar o kit brincadeira e seguirem de forma ágil e organizada até a área de segurança.

04 | As salas mais próximas à ameaça devem evacuar primeiro e na ordem. Em cada sala, um integrante da Brigada de Preparação (AMARELO) guia a turma de forma alinhada seguindo pelo lado direito nos corredores, rampas ou escadas, até a área de segurança. O outro integrante da Preparação (AMARELO) deve fiscalizar se a sala esta completamente vazia, pegar a lista de presença, e fechar a porta.

05 | A Brigada de Resposta (VERMELHO) deve fazer dois exercícios básicos: ajudar na evacuação das salas mais próximas ao incêndio com lenços (gaze) para ultrapassar fumaça e simular um enfrentamento para conter a ameaça (bisnagas de água). A Brigada de Resposta (VERMELHO) deve se dirigir até a área de segurança, certificando se as portas estão fechadas e deve ser a última brigada a chegar na área de segurança.

FECHAR CRONÔMETRO 1 - TEMPO

06 | Na área de segurança, a Brigada de Prevenção (VERDE) deve pegar as provisões na dispensa (caixas fictícias e chocolates), galão de água e montar um espaço de provisões na área de segurança. Devem organizar este espaço para distribuir estas provisões.

07 | Na área de segurança, a Brigada de Primeiros Socorros (LARANJA) deve fazer pelo menos duas ações. Uma ação pode ser resgatar alguém que não possa andar e carregar na padiola (pode usar um boneco). A segunda ação deve ser a imobilização de uma perna ou um braço de um outro aluno.

08 | Na área de segurança, a Brigada de Apoio Psicossocial (AZUL) deve fazer dois atendimentos, pelo menos. O primeiro pode ser entreter crianças na área de segurança e a segunda pode ser o atendimento de alguém muito nervoso e desorientado.

09 | Na área de segurança, a Brigada de Preparação (AMARELO) deve se preparar para fazer três ações de reunificação familiar. No portão da escola, esse grupo deve fazer o parente assinar uma ficha de busca entrada/saída do filho. IMPORTANTE: Assim que o parente assina a ficha de busca, alguém da equipe de Preparação (AMARELO) vai até a área de segurança, pega a criança e retorna com ela até o portão entregando-a responsabilidade do parente.

10 | Na área de segurança, a Brigada de Resposta (VERMELHO) deve fazer a chamada dos alunos, baseando-se nas listas de presença trazidas das salas de aula pela brigada de preparação. Quando todas as turmas foram conferidas decretamos o fim do simulado.

FECHAR CRONÔMETRO 2 - TEMPO



OBSERVAÇÕES:

- Recomenda-se que os membros do Nudec atuem em atividades na área de segurança.
- Os instrumentos construídos pelo Comitê de Segurança Escolar (mapa de risco, matriz de responsabilidades, árvore de acordos, entre outros) devem estar afixados nos corredores da escola.
- As brigadas devem estar uniformizadas com a camiseta do projeto.
- A escola deve estar sinalizada com as placas de segurança básicas (saída, setas, extintores, etc).
- Devem ser convidadas pessoas técnicas para atuarem como avaliadores, a partir de um instrumento fornecido pela equipe do Projeto.
- Ao final, todos os participantes devem se reunir para uma avaliação geral do simulado.

MATERIAIS (PARA AVALIADORES):

- 2 cronômetros
- Instrumento de avaliação.

MATERIAIS (PARA BRIGADAS)

- Buzinas de carnaval ou apitos
- Máquina de fazer fumaça
- Galão de água
- Padiola/Maca
- Bisnagas de água (carnaval) ou garrafa pet pintada de vermelho (extintores fictícios)
- Maleta de primeiros socorros
- Kit de brincadeiras
- Boneco ou manequim

“O simulado vai ajudar a preparar todo mundo para uma emergência que pode acontecer. E tanto as crianças da escola, como nós, do Nudec, vamos poder mostrar o que aprendemos nesse projeto. Hoje, trabalhar com os jovens e com as crianças é muito mais fácil, eles recebem com mais facilidade e levam pra dentro de casa, por isso é tão importante estar dentro da escola. Esses dias, teve uma situação na escola que uma adolescente passou mal e o próprio colega, da mesma idade, ajudou com o atendimento emergencial. Ela estava com muita dificuldade de respirar e ele tinha passado pelo curso de primeiros socorros. Foi ele que fez todo o procedimento. Colocamos no carro e corremos para emergência. Se não fosse ele, realmente não sei se teríamos conseguido...Eu me sinto muito orgulhoso por eles e sei que os pais deles também estão, porque hoje eles podem falar sobre percepção de riscos, sobre desastres e podem até liderar um simulado de emergência na escola. A experiência desse projeto é um legado pra comunidade”.



FÁBIO LUIZ JANUÁRIO
morador e membro do
Nudec da 24 de Maio



MARIA AUGUSTA DUARTE
Diretora da Escola Municipal
Luiz Carlos Soares, Morin

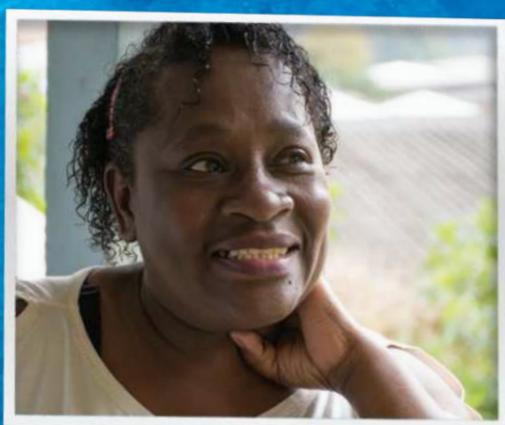
“Os simulados são extremamente importantes porque trazem a prática. Tivemos muitos aprendizados durante todo esse ano, culminando com esse simulado, em que as crianças, os funcionários, toda a escola pode vivenciar uma situação de emergência, que pode acontecer a qualquer momento, com qualquer pessoa, em qualquer lugar. Estamos cercados de riscos e aqui na escola não é diferente, precisamos estar preparados. O fato dos alunos estarem envolvidos, de saberem como agir, deixa a nossa escola, com certeza, mais segura. Todas as escolas deveriam, a meu ver, passar por treinamentos como esse. E o que eles aprenderam aqui na escola certamente vão levar para outros espaços que frequentam, para onde forem, para a vida”.

“O simulado deu uma visão mais real pra gente do que pode ser uma emergência aqui na escola. Ele nos orientou melhor no que poderíamos ou deveríamos fazer. Eu sou da brigada de resposta e eu tinha como função fazer a conferência final das salas, ver se tinha ficado alguém pra trás, e depois auxiliar nas outras brigadas. Consegui fazer isso sem muitos problemas. O que eu mais gostei foi o grupo ter conseguido fazer tudo, de termos feito algo bom, em um tempo bom. Ficamos felizes. Não tivemos problemas, ninguém caiu ou se machucou de verdade, mas temos que melhorar a sinalização, foi um ponto comum agora na nossa roda de avaliação com todos os participantes. É a primeira vez que eu participo de um simulado e sempre podemos melhorar, se tivermos mais treinamentos. Acho também que podemos variar as causas, não só um incêndio, como foi hoje, mas pode ser um alagamento, um desabamento, para termos uma visão mais ampla.”



ANA CECÍLIA MACEDO 13 anos,
estudante da Escola Municipal
Luiz Carlos Soares, Morin

“Foi a primeira vez que participei de um simulado. Eu senti que, embora eu precise me preparar mais, é algo que quero fazer, porque é bom a gente poder ajudar, mas, principalmente, ter noção de como ajudar. E fiquei surpresa com a atitude dos alunos, eles sabem bem o que fazer. Eu acho importante que as crianças estejam mais preparadas, eles aprendem rápido e podem se defender e ajudar. No simulado, nós, do Nudec, trabalhamos na reunificação familiar. A ideia é que se tenha um procedimento para a criança sair em segurança com seu responsável, de volta para sua casa, sua família. Gostaria de participar de outros. Assim a gente cresce, praticando”.



REGINA CÉLIA DA SILVA
moradora e membro do
Nudec do Morin



CONCLUSÃO E APRENDIZADOS



ROBERTA DUTRA

“As vulnerabilidades de Petrópolis não devem ser encaradas simplesmente como uma fatalidade em si, como normalmente são. Este pra mim é um importante aprendizado deste Projeto, que nos mostrou que essas vulnerabilidades podem ser transformadas com a ampliação da capacidade das comunidades em se prevenir e se prepararem. Entretanto, para que haja resultados ao longo do tempo, esta questão deve ser interesse de políticas públicas. Neste contexto, a experiência do Projeto apontou para a importância e necessidade de maior aproximação entre Defesa Civil e Nudecs, uma vez que um Nudec forte e empoderado é realmente um apoio para a Defesa Civil que, por sua vez pode oferecer mais capacitação, atividades práticas, reconhecimento e chancela, legitimando o processo de atuação deste grupo no território. E demandas dessa natureza foram apresentadas pelos Nudecs que participaram deste Projeto.

Um outro importante aprendizado é como a integração entre Nudecs e escolas tem impacto positivo nas ações para redução de risco de desastres no território. Porém, cabe ressaltar alguns desafios para compatibilizar modelos pedagógicos e horários de encontros entre o público infanto-juvenil e o adulto. Nessa experiência, ações de integração tiveram mais sucesso quando foram desenhadas atividades que contemplavam ambos os públicos. Um outro desafio encontrado foi na etapa de mobilização dos grupos, que, em alguns bairros, demoraram a se constituir, pela preocupação da comunidade do Projeto carregar alguma bandeira política-partidária ou interesse eleitoral. Percebemos, assim, o quanto a gestão de risco deve ser trabalhada no nível cidadão, para que traga envolvimento e continuidade. Para concluir, um importante ponto positivo fruto da experiência do Fortalecendo a Resiliência foi a capacidade do Projeto agregar novos parceiros em seu caminhar, criando alianças e construindo redes, que deram um tom especial em algumas comunidades e, certamente, contribuirão para o desdobramento das ações. Afinal, ainda há muito o que ser feito para reduzir risco de desastres em nosso município”.

“Este Projeto trouxe vários aprendizados e gostaria de destacar alguns. A importância do Comitê Escolar ser plural, envolvendo estudantes, funcionários e familiares, de diferentes gêneros e faixas etárias, trazendo, além da diversidade em sua composição, recursos para aumentar o poder de influência e articulação junto à direção escolar. Um ponto confirmado, ao longo do trabalho, foi que os jovens aprendem mais quando praticam e quando observam o que praticam. E, nesta prática, está a oportunidade de se desenvolver condições para a cooperação e o protagonismo que, certamente, resultarão em escolas mais seguras. Este protagonismo nada mais é do que dar a estes jovens a oportunidade de terem atitude, de construir processos de tomada de decisão e de dotá-los de responsabilidades frente ao que estão aprendendo, e não apenas dar algo pronto, que eles precisam seguir. Para se construir escolas seguras é determinante também criar a consciência do risco, por meio da percepção dos cenários locais que podem ameaçar a escola, além de capacitar um grupo para diagnosticar vulnerabilidades, organizar capacidades e agir. E foi assim que trabalhamos. Percebi também que, com mais duração, um projeto como este pode trazer maior impacto. A partir desta experiência, pude notar, ainda, que os resultados positivos do Projeto estão diretamente ligados à vontade da direção da escola de criar acordos internos e ajustar as propostas à rotina escolar, a despeito do desafio que esta adequação pode trazer. Concluindo, percebi o enorme potencial do trabalho desenvolvido na escola transbordar para a comunidade, tanto pelo que os estudantes levam para casa como pela possibilidade de parcerias locais, principalmente a atuação conjunta com um Nudec”.



RODRIGO D'ALMEIDA

Nossas Escolhas, Nossa Voz, Nossa Vez é uma publicação cujo objetivo é sistematizar a experiência metodológica do *Projeto Fortalecendo a Resiliência aos Desastres na Região Serrana do Rio de Janeiro*, realizado no município de Petrópolis.

Com linguagem clara e objetiva, o presente Guia tem estrutura narrativa inovadora e plural, que contempla tanto o ponto de vista das equipes que desenharam e implementaram o *Fortalecendo a Resiliência* como das pessoas que dele participaram, por meio de depoimentos que revelam as aprendizagens do Projeto.

